



A RAINHA SANTA IZABEL  
(Escultura do grande artista portuguez Teixeira Lope)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000.  
Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregue  
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis



# Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmãndade  
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar allstar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.  
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

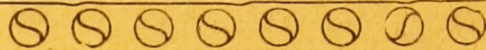
Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parocho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os reverendos Irs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

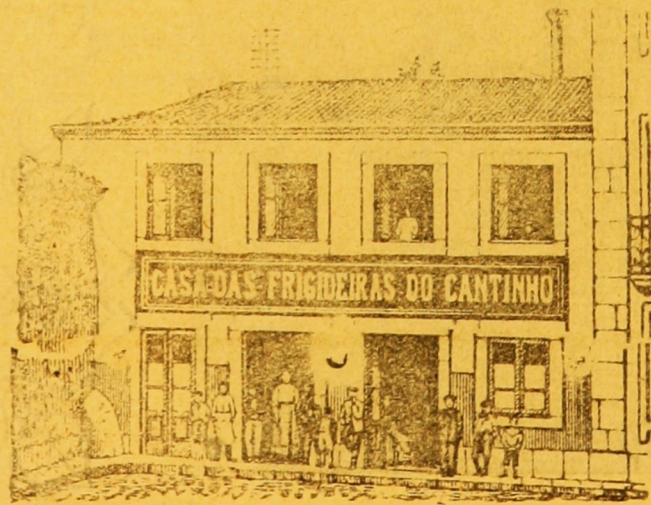
Este concelho de subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.



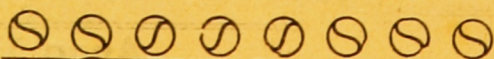
## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero



José Agostinho

## MEZ DE MARIA

Approvado e recommendado pelos Ex.<sup>mos</sup> Rev.<sup>mos</sup>  
Snrs D. Antonio, Bispo do Porto; D. Antonio,  
Patriarcha de Lisboa; D. Antonio, Bispo de Vi-  
zeu; D. Manuel, Arcebispo Bispo da Guarda.

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1 bello volume de 380 paginas,  
nitidamente impresso, 600 réis.

**COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA**  
PORTO

Pedido aos depositarios geraes: *Livraria Magalhães & Moniz*, 11, Largo dos Loyos, 14. *Livraria Lopes & C.<sup>a</sup>*, 123, Rua do Almada.

Peçam o nosso Catalogo d'Obras Religiosas.

## Collegio de S. Thomaz d'Aquino

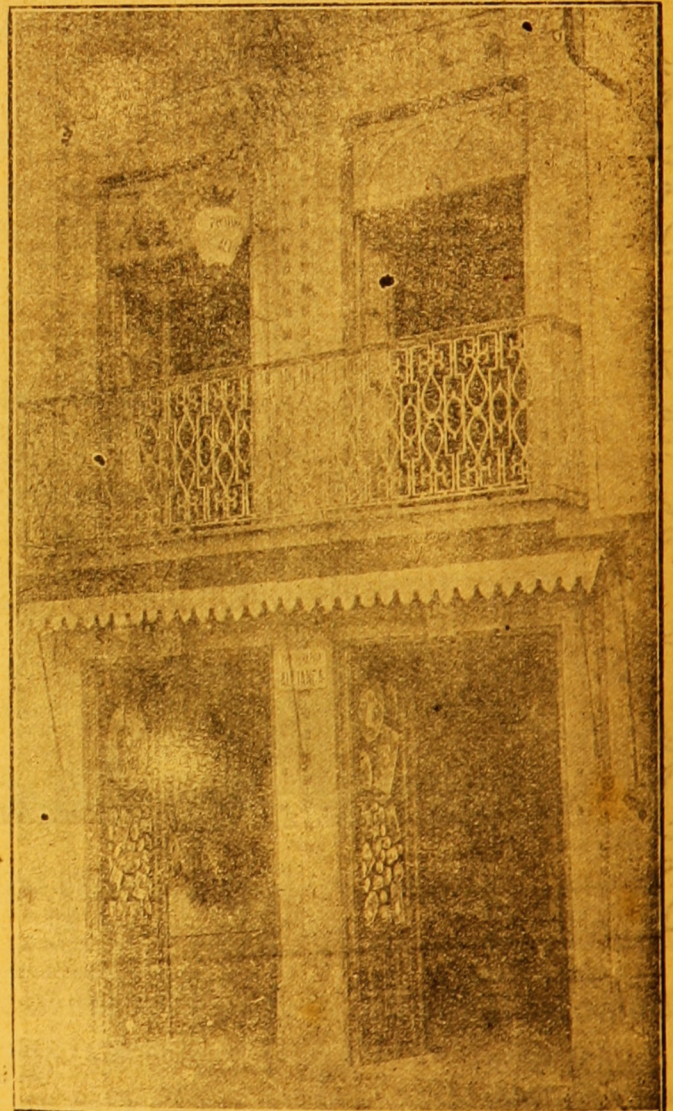
**BRAGA**

Fundado em 1896

DIRECTOR

**Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga**

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrucção Primaria..



**PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA**

44. Praça Alexandre Herculano, 45

**BRAGA**





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



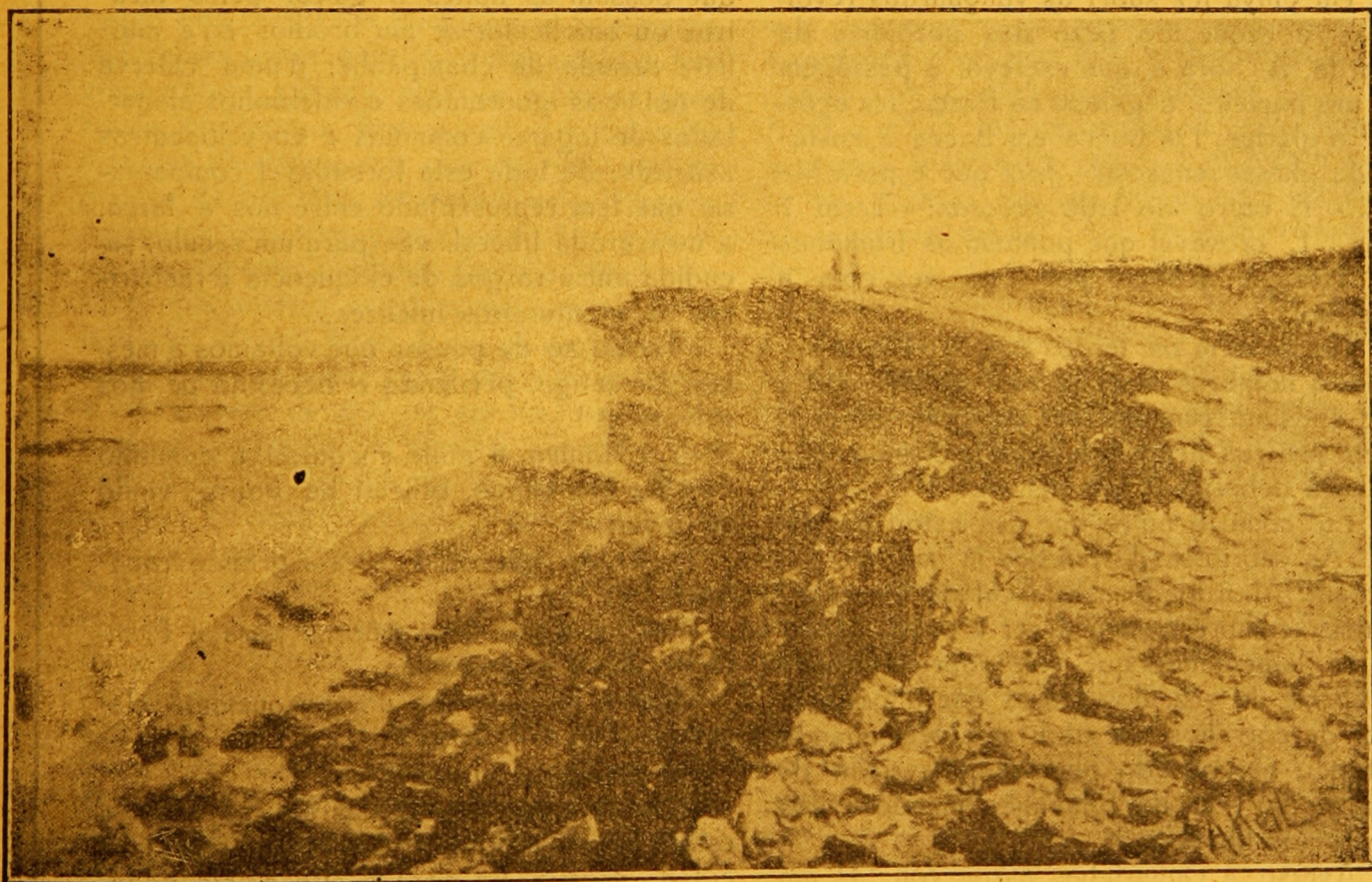
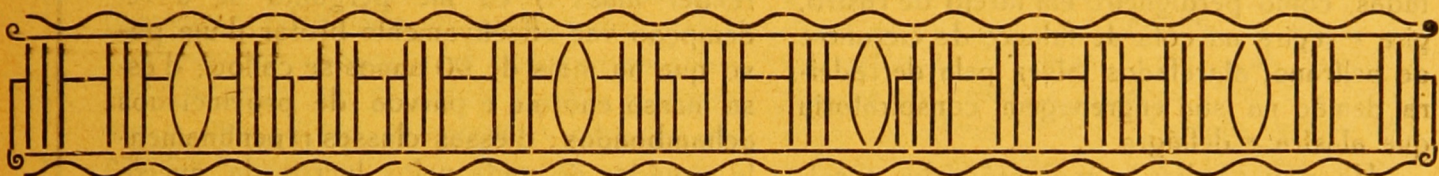
Proprietario, Joaquim A. Perolra Villela, Director, Dr. F. de Souza Gomes Velles

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Pelxoto.

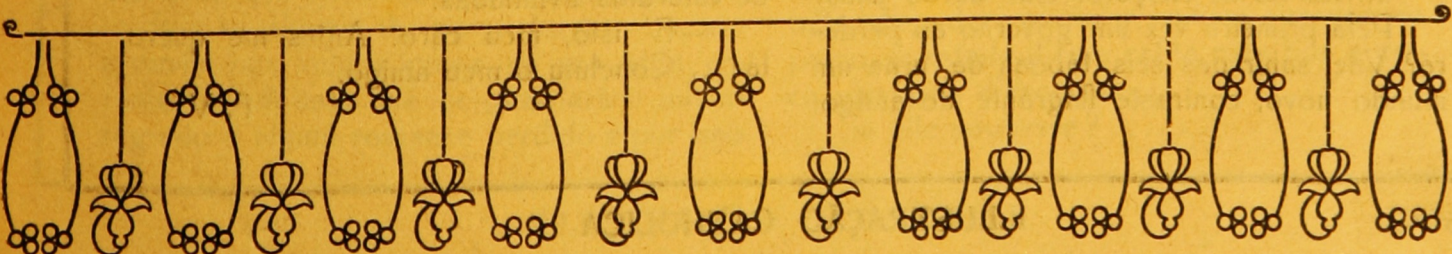
Braga, 27 de Abril de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 252—Anno V



ENCHE A MARÉ—AZENHAS DO MAR  
(Quadro do insigne maestro e pintor Alfredo Keil)





# CHRONICA DA SEMANA

A' urnal...

**E**NTRE a promessa revolucionaria de que não chegará este governo ás eleições e a baralha da impericia na montagem da machina do sufragio, eis que se alimpam as urnas, se imprimem listas, se pactuam accordos, se atam combinações para que d'aqui a 8 dias Portugal de lés a lés apareça a sancionar a revolução, pondo Sidonio Paes lá no cimo como chefe d'Estado e entornando em S. Bento a cabazada dos novos paes da patria!

E todavia ainda por entre as ruas do burgo o boato, de rabo no ar e ventas dilatadas, como perdigueiro em farejo de rastro, gira e regira na cóla de fulano, de cicrano e de beltrano, atarefados talvez pela derradeira demão na sua engrenagem conspiratoria que alastra e deflágua.

Ha poucos dias a repressão dos assaltos em Gaya fez saber ás vanguardas revoltosas o esquécido pezo das coronhas da guarda. A' hora a que escrevo, a passagem de uns piquetes a galope na Praça, fez acordar o alarme. De bocca em bocca a costumada phrase renascia;— '*diz que é para hoje!*'... E outro do lado recorda:— '*Teem 7 dias!*'... E' provavel que ponham os triumphos na meza e acabem por uma vez com a questão!

Ha tambem os lerdos scepticos que encolhem hombros, e ha os assomados crentes que apostam cem por um em como se *elles* veem prá rua ficam estaçalhados, como salamandra debaixo de um penêdol!

Eu, como o outro que diz, estou por tudo. As cabriolas da politica já não me espantam. Abordado a este cajado da experiencia, cumpro o meu dever e passo adiante, só lamentando que este pobre paiz não se liberte de vez, dos piores que a politica-gem de corrilhos lhe atou aos pés quando o fopou narcotizado por um palavriado de mentira ao som da romantica mandôra dos idealismos liberaes.

Averso a camarinhas assim vou, 'té um dia me escamugir lesto para o repouso, a recordar percalços, encontrões e quêdas, a par do fogo ardente que gastei...

...Mas eis as eleições. Que darão ellas?

Pela primeira vez um governo as perderá? Vae sahir das seis táboas da urna um mundo novo, contraste flagrante do antigo,

promessa balbuciando as palavras mágicas da redempção?

O momento nunca foi como agora mais solemne. E' d'aquelles que pôdem marcar nos flancos d'uma geração de ferro em brasa, um estygma de poltroneria, denunciar na fraqueza de pulso d'uma raça a decrepitude sem remedio, ou mostrar'a afalcoáda por rasgo de brio, n'um vôo admiravel e amplo, de resgate.

Agora mesmo, alta noite, em face de cartas, telegrammas, notas e apontamentos referentes á lucta eleitoral que vae travar-se (ouço aqui perto do quartel as vozes do render mas...) eu me pergunto se a redempção vae effectivamente brotar d'um povo que ha mais de 90 annos se callou; d'essa massa enorme e pârvoa de provincianos achamboádos; d'essas classes repentinamente erguidas do nada pelos lucros da guerra que passam as noites a galear pelos theatros ou amollentar-se em brodios co'a mioleira azoadada de champanhe: d'uma caterva de politicos ignorantões e videirinhos alagartados de logares communs e encyclopedicas asneiras; de toda esta formidavel comparsaria que tem representado entre nós a farça, a mascarada liberal, vae para um seculo, sacudida entre rasgos de eloquencia e rasteirices de aventureiros infelizes...

Tremo sô de pensar que voltamos á mesma, ao antigo, perdendo a occasião de nos salvarmos!

... Hontem á noite encontrei a caminho de casa um amigo, official ha pouco vindo do *front*.

—Então, que diz v. a esta grande trapalhada?

—Que digo? Que marcho para a França no fim d'esta semana...

Havia na sua voz um vasquejante claror de tristeza latente.

—Antes me quero lá!...

Era já tarde. Pensei nas afflicções que a estas horas atormentarão tantas mães! A cidade dormia. Lá para o alto da cidade tocavam clarins no paleo de quarteis.

De subito uma carripana passou á doida a nosso lado. Lá dentro um gargalhar de esturdias avinhadas.

—E' isto, meu caro. Antes me quero lá!... Concluiu o meu amigo.

F. V.



# Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

## A Diligencia

**V**IAJEI outro dia em diligencia. O *Triumpho de Estourãos*, velha catita, desmantelada prestes a sepultar-se no esquecimento cruel, vae soffrer a sua hora fatal. Dentro em pouco desaparecerá, que á civilisação, já não convém, nem mesmo n'este repositório de velharias, que é este Minho generoso e bom. A pobre velha tem que ceder. Foi alegre e viveu feliz o seu fadario de viajaira, e ufana das suas côres garridas, do seu tejadilho, do garbo aboteado da sua imperial, fregueza certa em romarias e feiras, arrastando-se solemne ao som festivo do guisalhar dos machos por velhas estradas, em tempos idos de bandidos e de requestas, está agora amargamente condemnada ao esquecimento fatal. O roncar do automovel é sempre uma constante ameaça, um perpetuo insulto e agora que o mau gosto arrancou o caracter da paisagem, semeando-a d'esses horriveis gaiólões chalets, que relegou para o esquecimento dos museus a garridice e o encanto dos velhos trajés, aquella caranguejola a desconjuntar-se estrada em fóra irrita o snobismo moderno e fere a sensível caturrice d'alguns puritanos, que não desejam vêr um pedaço de tradição arrastada pelo arranco frouxo de tres azemulas esfomeadas, porque é positivamente a ultima parcella de tradição, que passeia, em solavancos, a boa terra minhota. E vae fazer falta á paisagem o malfadado carreolo, rangendo nas estradas n'uma nuvem de pó em tardes alegres de romaria, gemendo em manhãs d'inverno por entre o estalar do chicote, o guisalhar festivos das colheiras, as pragas do cocheiro, as chufas e as canções dos viajantes. Pobre velha! Empurrada pelo automovel vae sumir-se nas quebradas, no pateo humido d'alguma estrebaria, no mesmo ingrato destino da liteira que foi dormir para o pateo alegre d'algum solar, a existencia esquecida e triste de reliquia velha. E ninguem mais dará tento da pobre abandonada; ninguem mais visitará a resignada esquecida, relegada para o escuro, para o esquecimento, onde os morcegos farão seu ninho e as aranhas aranhas, tripudiarão em teias, á vontade, desdenhosas. E, muito teria de contar a velha carreola, que enchesse serões ingenuos; muito diria se alguém lhe perguntasse o que viu e ouviu, nos longos annos da sua vida errante. Quem sabe até, se guardará o intimo segredo d'algum romance perdido e por isso

mesmo bello e commovedor. Quantas conversas d'amor, quantos anceios, quantas ambições escutou e ella que durante annos e annos, levou o correio da cidade, quantas alegrias e quantas paixões, odios, revoltas, lagrimas surprehendeu n'essas cartas vindas de longe, frias algumas, entusiasticas outras, muitas, acenando como lenços, saudades longinquas, fulminado ameaças outras, semeando sonhos e arrastando maldições, arrastando-se durante horas, indifferente, caminho em fóra, parando aqui, parando alli, esperada, querida, respeitada, contente... Pobre velha!

Andas já no derradeiro crepusculo minha ingenua e malfadada *Cantadeira d'Estourãos* e lembras-me certas velhinhas de lenda, mendigas de carinho e de pão que a gente vê nas estradas, tremulas e corcovas, olhando sempre as casas e logares, com um terno olhar de adeus no presentimento de que não voltam como ellas tu vaes tambem arrastada e tropega, olhando os logares que amaste e preferiste—Deus sabe se voltarás, ou se a sentença cruel não virá n'esse crepusculo que será o teu crepusculo tambem.

E comtigo vae na mesma dôr, na mesma comovida tristesa, o velho João Russo que se fez cocheiro na tua boleia e na tua boleia quereria morrer, que te ama e que te quer, com os seus setenta annos de bolieiro troquilha e que afinal como tu espera, o seu fim amargurado e cruel. E' por isso que elle se arripia, que se desespera, quando por elle passa altivo roncando n'uma nuvem de fumo e de pó algum automovel, orgulhoso da sua força, e que crusa feroz, sem te olhar, scloso do seu poder. Por isso me dizia elle embrulhando o cigarro, enquanto as pobres azemulas te arrastava na ladeira da serra e um dos monstros businando passou vertiginoso que quasi te alcançava.

Ah! meu senhor! Isto nem é viajar nem nada... Pode lá ser gosto! Para vêr e gosar não ha como a cantadeira — e uma lagrima ensopou a mortalha... Que francamente o Russo tinha carradas de razão e nem elle suspeitava da poesia, do encanto d'uma velha diligencia...

O coração mordia-se mais pelo egoismo de perder mister do que pelo encanto por elle apenas vislumbra n'um apagado intuito, de poder ver gosar, lento e devagar, ao passo arrastado d'uma catita esta boa e unica paisagem d'excepção...

Se elle soubesse? . . . . .



# SERÕES AMENOS

XXXII (1)

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
EGRESSO DA FALPERRA.

## Bolinho de bacalhau

**N**ÃO deixarei o bacalhau, sem additar alguma coisa ao que ficou escrito na primeira série destes serões: Ahi, (serão XIII), tratando de bacalhau, escrevi ácerca da etymologia do *fiel amigo*, que me não parecia ter *bacharel* na arvore genealogica, como eu vira no dictionario do sr. Candido de Figueiredo, o «unico que então possuia . . . emprestado». Escrevia isto na Belgica, em 1914, antes da tormenta. Que saudades! Releio agora aquella passagem: «Sou um curioso nestas materias. que me ajudam a matar o tempo, a esquecer coisas que me fariam chorar, se as tivesse sempre presentes á memoria. Atiro-me aos livros. . . Infelizmente, apesar de já possuir uma menos má livraria, comprada a preço de muito sacrificio, reconheço a insufficiencia do meu arsenal linguistico. . .» Que direi agora? Veiu a guerra e lá me ficaram os livros todos! Escrevia eu, não me conformando com ver derivar *bacalhau* de *bacharel*: «Por outro lado, o sr. Candido de Figueiredo, trabalhador tão benemerito como illustre e honesto, não me ia inventar aquelle parentesco do bacalhau com os bachareis!»

Regressando a Portugal tive occasião de ver no dictionario etymologico de Adolfo Coelho o que havia sobre bacalhau. Com espanto li: «BACALHAU:— Segundo C. Mich. Vasc. do hesp. *baccalao*, de *baccalario*—*bacharel*, firmando-se nas denominações *abadejo*, *curadillo*, a primeira das quaes parece derivar de *abad*, a segunda de *cura*.)

Santo Breve da Marca!!! Ninguem, de Melgaço á ponta de Sagres, tem maior veneração do que eu, sem a conhecer pessoalmente, pela Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaelis de Vasconcellos. Ninguem. Mas com ser mestra de muitos homens, e mestra illustre; com ser mulher, e porisso maior auctoridade numa questão de bacalhau, eu atrevo-me a «secularizar» o *abadejo* e o *curadillo*, e a retirar o bacharel dos costados do bacalhau. Que a eminente dama me perdõe este *bolinho* de bacalhau. . .

E senão, diga-me a veneranda lente de Coimbra, que razão haveria para dar ao bacalhau nomes derivados de dignidades ecclesiasticas? E porque lhe dariam o nome em Hespanha os clericos e bachareis e não em França, na Italia, etc?

O *abadejo* hespanhol não deriva de *abad*. O peixe chama-se propriamente *badejo*. O *a* inicial é um *a* prothetico, como em *alampada*, *atambor*, etc. *Abadejo*, dizem os nossos dictionarios, desde Bluteau. Investiguei a origem do nosso *badejo*. Suspeitei que viria de alguma lingua do norte, suggerindo-me essa suspeita a minha descoberta da etymologia de *bacalhau* no *bakkeljaw*, metathese de *kabeljaw*, que é bacalhau em hollandês, como eu mostrei no XIII serão da 1.<sup>a</sup> série, citando o *Bekyopt Etymologisch Woordenboek der nederlandsche Taal*, de Vercoullie, professor na Universidade de Gand. Como fiquei sem os livros vali-me de Miss Chisholme, distincta professora em Braga, oriun-

da da Escocia. Teve ella a amabilidade de escrever para lá e de lá me responderam que um dos nomes do bacalhau, em escocês, é precisamente *bodach*, que com leve e natural alteração phonetica veiu a dar o nosso *badejo*—ia em jurar pela minha corôa de frade. Note-se que segundo Bluteau, o bacalhau vem da America, pescado e curado lá, e o *badejo* é o que nos chega *mais fresco*. Isto confirme em certo modo a minha etymologia escoceza de *badejo*. O nome *bacalhau* teria vindo por intermedio dos hollandêses, que já no XIV seculo tinham largo commercio de bacalhau; o *badejo* seria o bacalhau pescado e preparado pelos escocêses, sem ir aos depósitos de Amsterdão.

O caso do *cura* dar o nome ao *curadillo*, que é bacalhau tambem, parece-me ainda menos sério. O *curadillo*, antes de vir de *cura*, teria vindo de *curado*. E curado é muito naturalmente o particípio passado de *curar*; e de *curar*, diz cá o meu dictionario hespanhol: «CURAR:—*hablando de las carnes y pescados, prepararlos por medio de la sal, el humo, etc, para que, perdiendo la humedad se conserven por mucho tiempo*.» Ora é precisamente o que se faz ao bacalhau. E como chamamos *passas* ás fructas *passadas* chamou-se *curadillo* ao bacalhau curado. Digo eu cá isto! Não vejo por onde metter os curas no baptizado do bacalhau, nem mesmo na muito catholica Hespanha.

E prefiro que me albardem (1) como posta de bacalhau, a que a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaelis de Vasconcellos veja nestas rabujices de frade velho o mais leve intuito de menoscabar o seu incontestavel saber. Resumindo: teimo que o nosso bacalhau nada tem com os bachareis; que vem do *bakkeljaw*, e este do *kabeljaw*, que deu em francês *cabillau*, *cabillaud*, *cabélieu*, *cabliau*, e não sei se mais variantes; que o *abadejo* ou *curadillo*, conquanto peixe muito quaresmal, não teve no baptismo padrinho *abade*, nem *cura*, mas sim um protestante *bodach* e um verbo. . . *secular*.

E para terminar: o bacalhau era o *fiel migo do povo*. Em Portugal usou-se a expressão *gente de bacalhau*, para designar gente não fidalga. Assim, no *Paralogo ao sapientissimo leytor, do Governo do mundo em seco* de Silvestre Silverio da Silveira e Sitva, lê-se: «*Que mais quer huma pessoa do que contar em huma conversa de GENTE DE BACALHAU, como os seus an.epasados levaram á escala uma praça, ainda que ella fosse morta, e da palha quando se lhe tira a pelle; como teve um tio. que venceu um exercito de gentios, ainda que o vencesse nas barbaridades. . .*»

Ora seculos antes muitos nobres se orgulharam de ser *gente de bacalhau*. Quando na Hollanda, no seculo XV, houve guerra civil entre os partidarios de Margari-da, viuva do imperador Luis V, e seu filho Guilherme, os partidarios deste chamaram-se os *Anzoes* e os da rainha, nobres na sua maioria, denominaram-se *Bacalhaus*. . .

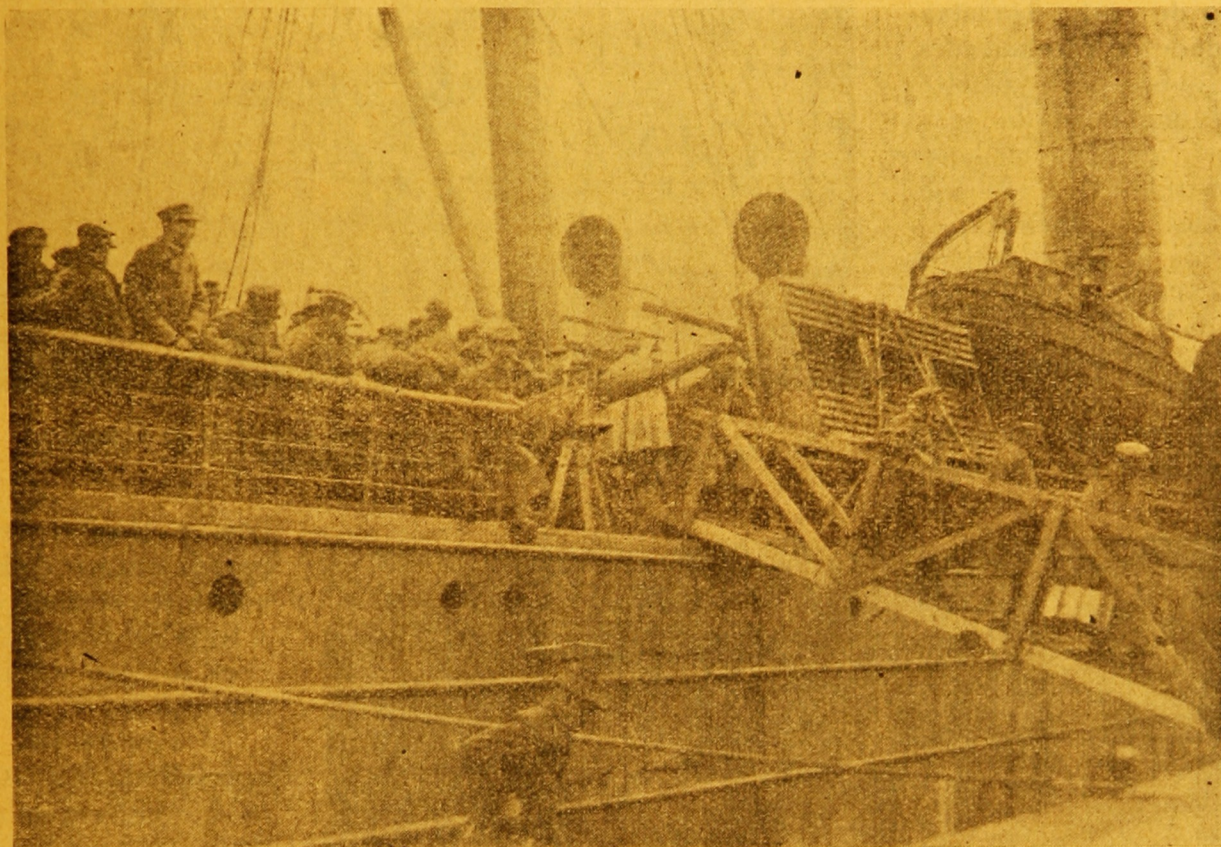
Se virá d'ahi o dizer-se de quem não é nobre: Fulano de tal, dos Anzoes! . . .

(1) Houve erro na numeração; este é o XXXII serão, de nova serie; foi o XI que appareceu repetido.

(1) Querem alguns que o bacalhau seja o peixe *asellus* (burrinho) de Plinio porque, nota Bluteau a sua cor fira á cor do burro. D'elles albardados gosto eu—do burro e do bacalhau.



# A chegada dos mutilados a Lisboa



Um aspecto do desembarque  
dos mutilados

Um camion conduzindo um grupo  
de mutilados ao hospital

(Phot. C.)



# Reconciliação d'uma ermida em Mossamedes

Numa excelente bahia do sul de Angola, entre as pontas de Giraul e do Noronha, ao fundo do porto, fica situada a cidade de Mossamedes, assente sobre uma planicie de areia, que goza da fama de possuir um dos melhores climas maritimos de Angola, sendo até cognominada a «Cintra de Africa». Mossamedes é uma colónia europeia fundada em meados do século passado e habitada por uma simpática população.

É sede de uma paróquia contemporanea da fundação



A Ermida de Nossa Senhora da Conceição de Quipola (Suburbios de Mossamedes)



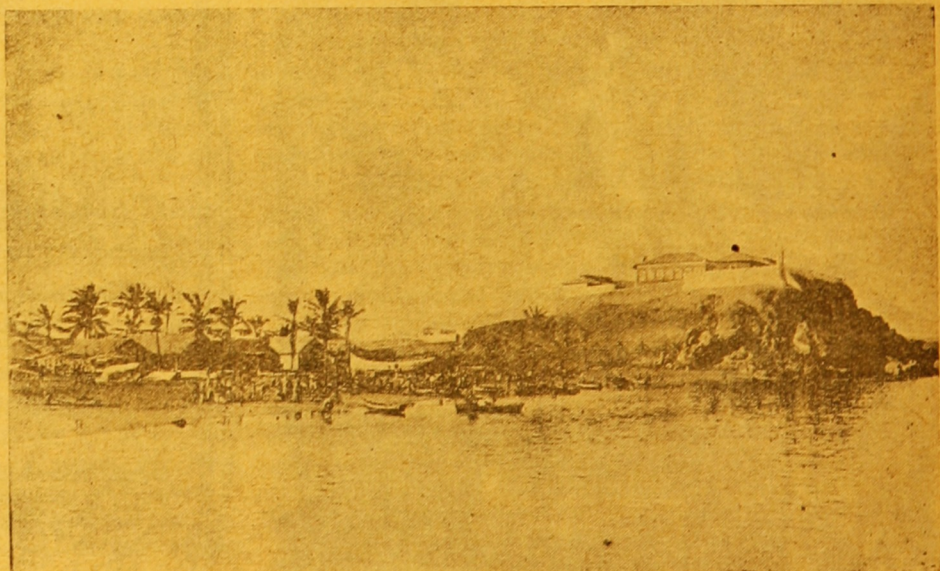
Quipola  
Um aspecto das festas de 8 de Dezembro de 1917.

da colónia e que actualmente está confiada aos cuidados do inteligente e digno pároco, Padre António Moreira Basilio, um dos mais antigos missionários de Angola, onde servê há uns bons 22 anos. O Padre Basilio foi recentemente louvado pelo Governo Geral de Angola, em portaria de Janeiro deste ano, pelos seus serviços como professor da mesma cidade.

Alem da igreja paroquial, Mossamedes tem nos seus subúrbios uma pequena ermida denominada *Nossa Senhora da Conceição de Quipola*, construida há muitos anos numa propriedade do antigo colono, Joaquim de Paiva Ferreira, que em 1884 doou tam-

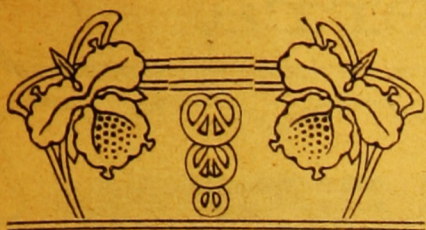
bem o terreno necessário para o adro e onde anualmente se costumava fazer a festa de Nossa Senhora com ruidoso arraial e iluminação.

A ermida teve de ser aproveitada em 1915 para hospitalização dos soldados da expedição ao Sul de Angola. Foi reconciliada em Dezembro do ano findo e ali se realizou em 8 e 9 do mesmo mez uma grande festividade levada a efeito por uma comissão de colonos e a que assistiu grande concorrência de gente.

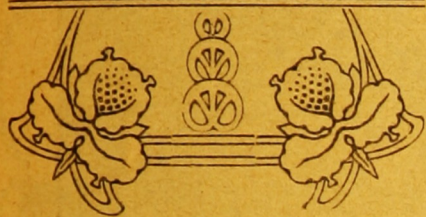


Mossamedes — A fortaleza de S. Fernando.





Um trecho das florestas  
de Mossamedes.



# Photographias Artisticas



Villa Real  
Manhã de sol.



Regua  
Pontêllo de Tondella

Phot. Miguel Monteiro.

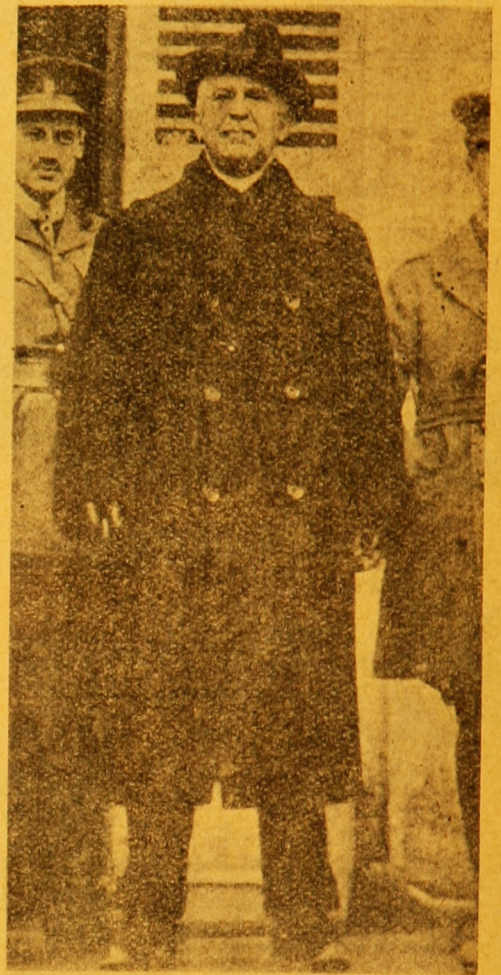




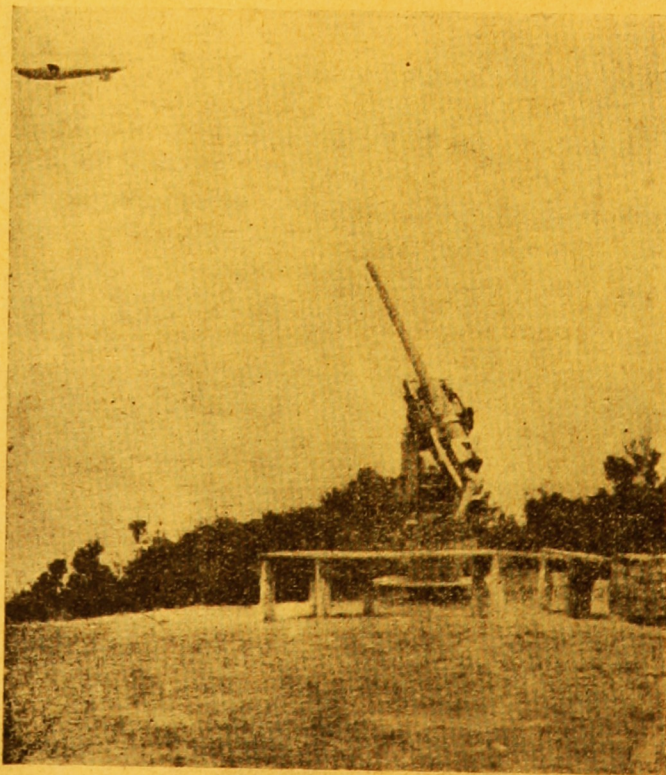
# A Grande Guerra



A Ranhia Maria de Inglaterra revistando uma secção de mulheres conductoras da reserva de sanidade



Eduardo Kemp ministro da guerra do Canadá e a sua comitiva que o acompanhou a França

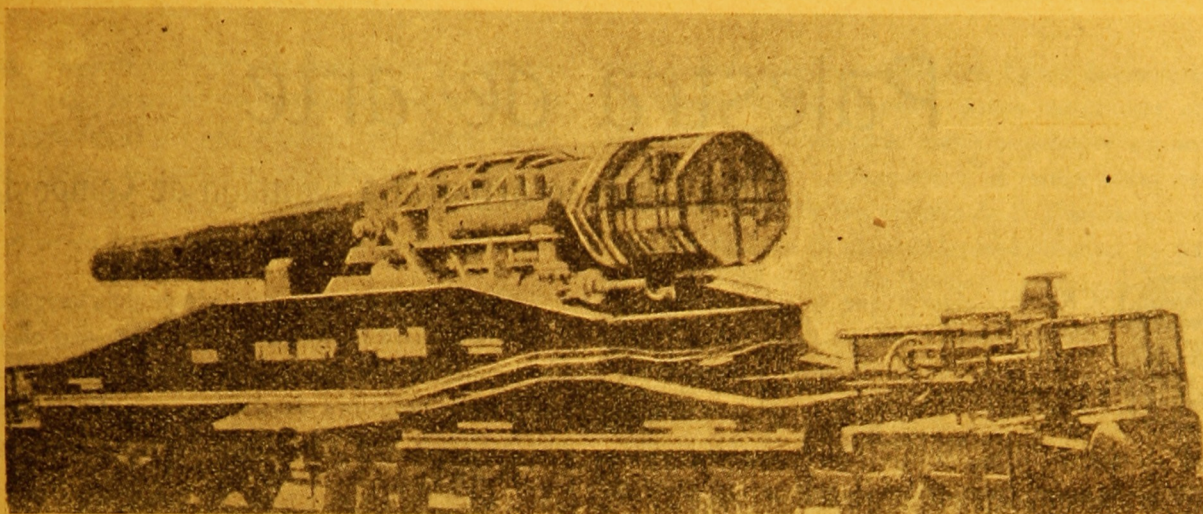


Uma peça d'um forte do canal de Calais, ali construido para a vigilancia das manobras dos Zepellins e aeroplanos allemães sobre a Grão-Bretanha

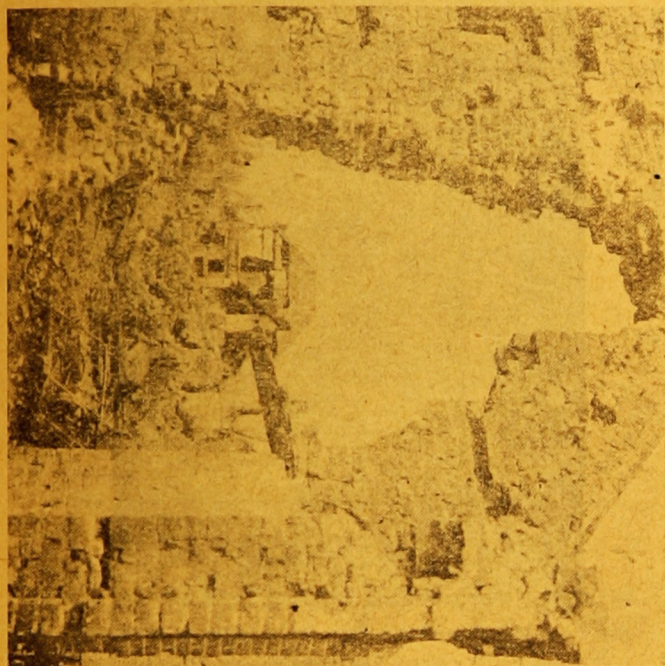


Prisioneiros austriacos num campo de concentração servio

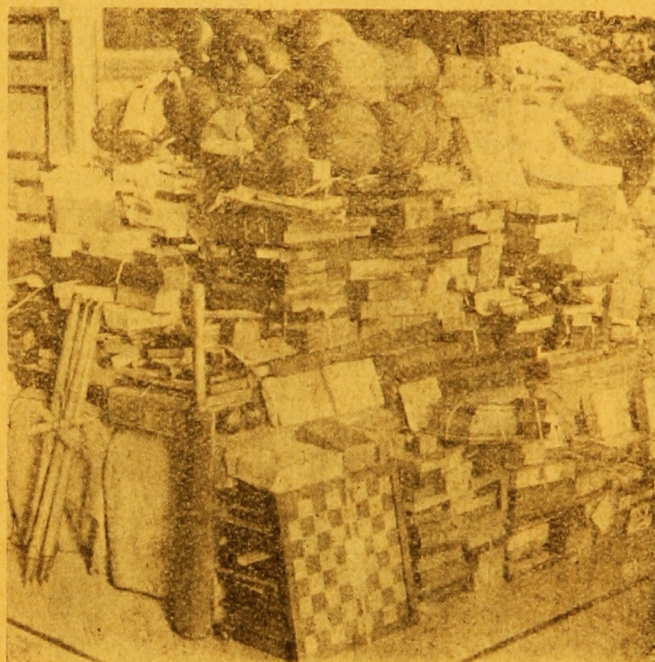




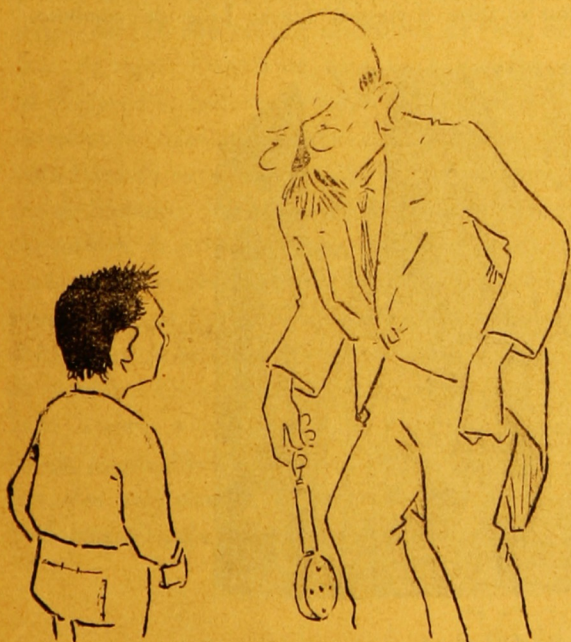
O 420 que bombardeia Paris



As ruínas de Willerval



Varios artigos de desporte, enviados pelas damas inglesas aos seus compatriotas que estão em França



J. Valerius  
1913



## Na Escola

- Se teu pae der cinco mil réis a tua mãe e depois lhe pedir 2\$500, qual é o resultado?  
—Uma desordem . . .





# Palestra de arte

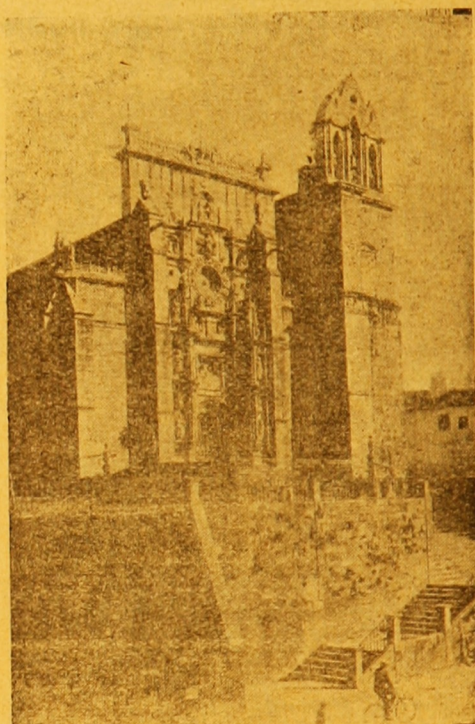
Uma excursão artística a Santiago de Compostella.

**E**SCREVEU alguém que o espirito precisa de ser desinfectado, analogamente ao corpo. É assim como ao corpo se ministram banhos, faz-se respirar ar puro, expõe-se ao calor e luz benéfica do sol, assim tam-

Ora precisamente a bondade de dois amigos cujos nomes não quero trazer ao publico, para não offender a sua conhecida modestia, proporcionaram-me ha dias uma d'essas occasiões de «lavar o espirito de suas impurezas», com uma excursão artística a Santiago de



Egreja da Peregrina (Pontevedra).

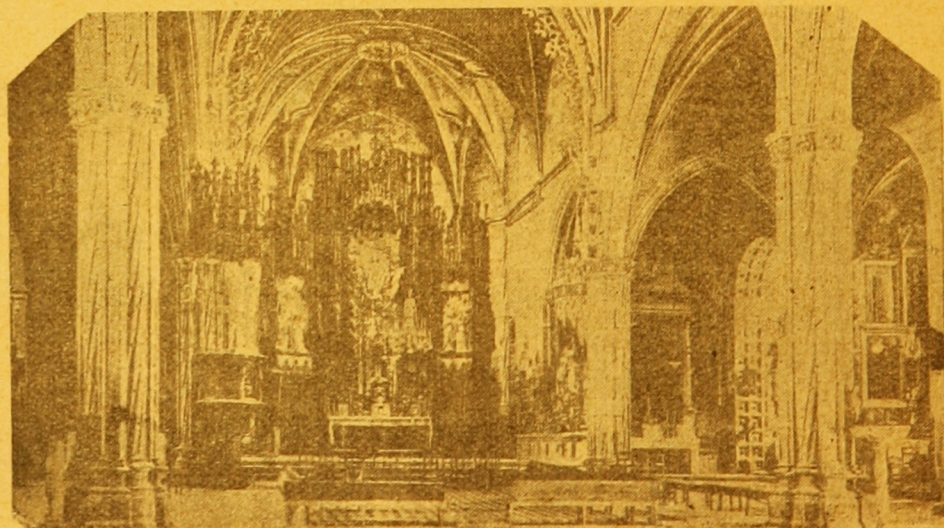


Egreja de S. Maria (exterior) em Pontevedra.

bem o espirito precisa de se afastar dos trabalhos quotidianos, mais ou menos utilitarios, e descansar na contemplação dos grandes espectaculos da natureza (o mar, o ceu estrellado, as paysagens alpestres) ou das obras primas da arte (monumentos architectonicos, quadros, estatuas, etc.)

Compostella. Deixarei de parte as impressões religiosas, que mais que nenhuma outra coisa servem para elevar a alma, para traçar aqui ligeiramente as artisticas. Quiçã a sua leitura suscite o desejo de experimentá-la, ou apague saudades do que já se sentiu.

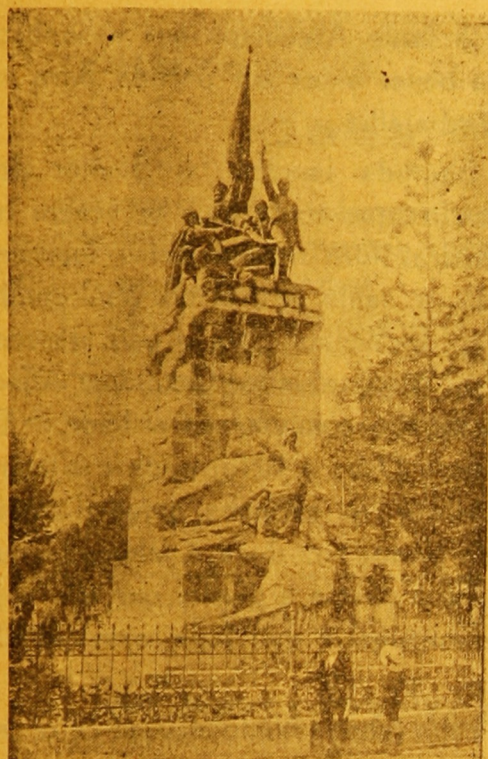
Como se sabe a viagem fez-se hoje de comboio.



Egreja de Santa Maria em Pontevedra (interior).



Aquellas romagens medievas de centenãs de peregrinos, vindos de todas as partes do mundo, com o bastão de romeiro, coberto de pó, são simples reminiscencias do passado. Agora, fallando de portuguezes, o comboio leva-nos de Valença a Tuy-Guillarey, onde ha trasbordo; depois outro em Redondella. Aqui já se pode descansar



Monumento aos heroes de Puente Sampaio (Pontevedra).

para admirar a belleza artistica da Igreja de Santa Maria, formoso templo de estylo gótico modificado pelas influencias da Renascença, muito semelhante ao nosso estylo manuelino. Contemplemos as ruinas lindas de S. Domingos, a abside fãõ classica de S. Francisco, o monumento moderno da alameda, commemorativo da batalha travada junto da ponte Sampaio, onde, se a memoria me não falha, tambem tomaram parte os portuguezes, para expulsar o inimigo commum francez. E como o tempo dá para mais, mettamo-nos na tramvia e vamos até Marin, para contemplar o mar, o porto, e ver a a base de submarinos em construcção. A ilha de Tambo, o edificio do Hotel de Placeres, ha annos occupado pelos Jesuitas portuguezes, hoje dispendo-se para um Collegio das Dames du Sacré Coeur, a distante Igreja do Poyo, com um convento immenso officiado pelos P. P. Mercedarios, a povoação de Sanjenjo, para além da ria, são outros tantos pontos que limitam o contorno sinuoso da Ria de Marin. O espectáculo é formoso. Domina a belleza natural: pouco ha feito pelos homens. Singram as aguas os barces dos pescadores, e as motoras, que se aventuram pelo mar fóra, annuciam a sua marcha com o assobio estridente das sereias. No meio alguns navios de guerra, uns torpedeiros, um cruzador couraçado moderno, cujos canhões mortíferos fazem lembrar as luctas que vão travando nos mares bloqueiados.



Ruinas de S. Domingos (museu archeologico) Pontevedra.

o espirito na contemplação da formosa Ria de Vigo, porto de futuro esperançoso. As aguas ceruleas do lençol que se estende á nossa esquerda, em quanto o comboio segue para Pontevedra, emoldurado por montes e collinas graciosas, marchetado de ilhas, e ao largo, de barcos fundeados no porto, formam um espectáculo onde a vista e a alma descansam com verdadeiro gôso espiritual. A atmospherã limpida, o azul do ceu, e sobretudo a brisa oxigenada, isolada, que refresca o viajero, despertam em nós não sei que sensações de vida, de actividade, de vigor. Depois de uma hora escassa estamos em Pontevedra, onde outra ria, a de Marin, se vae desenvolvendo deante dos olhos. Descansemos um dia nesta formosa terra, elapa forçada dos antigos peregrinos de Santiago. Visitemos a Igreja da Peregrina, templo curioso, de estylo barrocco, com duas torres esbeltas, um tanto desproporcionado, e veja-nos a Virgem Santissima, vestida de Peregrina com a esclavina, chapéu, bordão, cabeça, a conchas classicas. Reparem nas grades do santuario. Os ornatos são typicamente significativos. Tudo lembra a peregrinação. O proprio tamanho da igreja, parece dizer, que ali não é ainda o termo da viagem, mas uma simples pausa, sufficiente para restaurar as forcas. Depois percorramos rapidamente a cidade.

No regresso visitemos os portuguezes domiciliados em Pontevedra, portuguezes genuinos, exilados pela intolerancia demagogica, estimadissimos pela gente da cidade.

*Ágnus.*





# O Senhor dos Desamparados



QUANDO a Patria soluça e chora passa em nossa alma esmorecida a visão phantastica dos tempos aureos e vamos tristes consolar-nos, evocando o passado que nos cobriu de gloria.

Immortaes foram oh terras de Portugal os teus grandes homens em cujos corações a fé brilhava, como o sol nas montanhas toucadas de neve e, que hoje dormem á sombra dos seus tropheus!

O tenebroso sudario que te envolve foi tecido pela impiedade, mas ai dos portuguezes que se esqueceram da sua divisa que outr'ora os engrandeceu.

Pensavamos assim quando um dia iamos á velha cathedral de Braga para alli colher impressões do passado e n'aquellas paredes seculares recordar paginas da historia; e hoje recordar é soffrer.

Depois da nossa piedosa romagem aquellas jazidas de heroes encontramos um velho pergaminho que nos contou a lenda toda repassada de mystico enlevo.

Reinava o Senhor Rey Dom Affonso Henriques, guerreiro destemido que empunhando a espada com braveza desusada conquistou palmo a palmo a bella Lusitania e pela Fé assombrou o mundo, expulsando os filhos de Islam.

Triumphou a Cruz que em Campos de Ourique resplandecia d'ouro e gloria, enquanto ao longe a tremor desaparecia em nuvens negras o Crescente abatido, e gritos plangentes d'Allah se ouviam como ais de moribundos.

Na volta triumphal, o moço rey viera no seu corcel branco d'espuma em rapida corrida por montes e valles trazendo no estandarte sagrado o emblema do Calvario que d'ora avante seria a gloria do seu Reyno.

Vinha agradecer a Deus tamanha victoria, deante da piedosa Imagem do Crucifi-

cado que o santo Arcebispo que o baptisou lhe dera a beijar antes da partida para os campos da batalha.

Esta Sagrada Imagem, o Senhor dos Desamparados que ainda hoje se venera na velha cathedral, fôra regada pelas lagrimas de Geraldo, o santo Arcebispo implorando a protecção do Senhor para o paiz nascente e diz a tradição que ambos Geraldo e Affonso ajoelhando em compuncção ardente de Fé agradeceram a Deus a victoria sobre o moiro infiel e ouviram voz estranha quiçá d'algum mensageiro alado, voz doce e magoada que dizia «A' Cruz deveis a gloria; que ella seja a guia de Portugal e mal haja quem d'ella s'esquecer».

E o echo sussurrando suave entre as quebradas, foi repetindo: «mal haja quem a esquecer».

A lua, alvejando por entre a densa folhagem vem illuminar as faces bronzeadas do principe guerreiro, que beijando a Cruz da Espada offereceu-a em defeza ao Senhor dos Desamparados.

Seculos passaram, tempestades rugiram, mas a Imagem do Senhor, ora adorada ora esquecida, vae lembrando o que em velho pergaminho lá deixou escripto mão piedosa juncto á ermida:

«Lá nos seclos de Oro  
de Geraldo foi adorado  
Ora nos tempos de ferro  
por nós quer ser invocado  
Muita fé ó portuguezes  
no Senhor dos Desamparados,  
Jesus Cristo vem ouvir  
os ais dos desgraçados!»

Braga—15.

Maria Salomé.



# LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

*Esculptura em Madeira*

—E—

PINTURA

*Teixeira Fanzeres*

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

*Preços modicos*

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, gréves, tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia

Luzo-Brazileira de Seguros

## SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião

19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:

C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Gabriel Maia

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)



# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**